

SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO NO CAMPO

PRONERA: Uma prática de educação no campo. Desafios e conquistas

Eliane de Santana Macedo

São Paulo

2013

Antes de apresentarmos o PRONERA propriamente dito, é importante falar da Educação no meio rural que sempre teve papel marginal nas políticas de educação, assim tendo a população do campo um acesso restrito até mesmo na Educação Básica. (FREITAS, 2004)

Freitas (2004) afirma que isso é devido a um processo de exclusão econômica, social e cultural, em que o campo sempre foi tratado com políticas compensatórias e não como um espaço prioritário para a educação.

Mesmo assim, na década de 90, os movimentos sociais do campo passaram a pressionar o poder público para que houvesse políticas públicas para a educação no meio rural. Após anos de uma luta árdua, é criado o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA, que teve como principal ator o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, que desde sua criação na década de 80 desenvolve propostas educativas para os assentamentos e acampamentos da Reforma Agrária. (FREITAS, 2004)

O PRONERA faz parte de ações governamentais voltadas para a agricultura familiar. (FREITAS, 2004)

De acordo com Freitas (2004), no ano de 1997, é realizado o 1º Encontro Nacional de Educação na Reforma Agrária – ENERA, que teve como principal articulador o MST. Este encontro reuniu cerca de 700 pessoas. O que desencadeou e culminou a criação do PRONERA em 1998.

Assim o PRONERA é criado em 1998, com vínculo ao Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, e tem como objetivo geral:

Fortalecer a educação nas áreas de Reforma Agrária estimulando, propondo, criando, desenvolvendo e coordenando projetos educacionais, utilizando metodologias voltadas para a especificidade do campo tendo em vista contribuir para a promoção do desenvolvimento sustentável. (PRONERA, Manual de Operações/2004, pag. 17).

Tendo como prioridade a Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas aberto a outros segmentos. Sendo educadores pessoas do próprio assentamento e que

recebem capacitações pedagógicas para atuarem nas salas de aula, que compreendem o processo de alfabetização dos assentados. Além disso, o PRONERA entende a importância da Formação Continuada dos educadores para cada vez mais estes estarem preparados para a atuação e se desenvolverem com seus alunos. (FREITAS, 2004)

A parceria é de suma importância para a realização do projeto, e os principais parceiros são: movimentos sociais e sindicais de trabalhadores rurais, instituições públicas de ensino, instituições comunitárias sem fins lucrativos e o INCRA. Pode haver outros parceiros dependendo dos objetivos de cada projeto. (FREITAS, 2004)

De acordo com o Manual do PRONERA de 2004, fica estabelecido que os projetos desenvolvidos sejam coordenados por um professor da instituição de ensino superior, que é o responsável pela escrita, prática, acompanhamento e controle técnico-operacional do projeto.

Fica determinado também pelo Manual do PRONERA, que os projetos de Educação do Campo, tenham metodologias com base na *“diversidade cultural, os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico que estejam voltados para o desenvolvimento de áreas da Reforma Agrária socialmente solidário, economicamente justo e ecologicamente sustentável”* E afirma que os princípios que norteiam as práticas são: *princípio do diálogo, princípio da Práxis e princípio da transdisciplinaridade.* (Manual do PRONERA, 2004, pag. 27)

De acordo com dados do Manual do Pronera 2012 o PRONERA atingiu até o ano de 2010, 400.00 mil alunos de assentamentos de todo o país. Esses dados apontam a importância que o PRONERA vem tomando nos processos de escolarização de jovens e adultos do meio rural e, especialmente, nos assentamentos da reforma agrária. É importante reafirmar que o PRONERA, tem uma atuação efetiva junto a esta população pois a partir de uma pesquisa realizada pelo INCRA em 2010 mostra que no que se refere à educação indicou, por meio de dados de amostragem, que as taxas de analfabetismo entre a população assentada caiu de uma média de 23% (apontado pela PNERA/2004) para uma média de 15,58%, certamente já como resultado da atuação.

Apresentarei neste trabalho o programa desenvolvido no ano de 2009 numa parceria entre UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba), OMAQUESP

(Organização de mulheres assentadas e quilombolas do estado de São Paulo) e o INCRA (Instituto Nacional de Colonização na Reforma Agrária).

Cada parceria entra com uma atribuição, a UNIMEP administra e fica responsável pela parte pedagógica do programa, realizando a formação inicial e continuada dos educadores através de reuniões e acompanhamento das salas de aulas, organiza os cursos de formação e registra todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. O registro é encaminhado periodicamente ao INCRA por meio de relatórios. Com a OMAQUESP fica a responsabilidade de indicação dos educadores e coordenadores locais, inscrição dos alunos, controle de frequência e evasão escolar, participação das reuniões de formação e articulando com os conteúdos os temas de debate e respeito da participação da mulher na Reforma Agrária participa também dos momentos de avaliação periódica e final do projeto.

O INCRA é o gestor do PRONERA que “é uma política pública de Educação no Campo desenvolvida nas áreas de reforma agrária.” (Manual do PRONERA, 2004 p.9). Também acompanha as salas de aulas, e participa dos momentos de avaliação do programa em cada uma de suas etapas.

O programa conta também com o apoio do ITESP, que disponibiliza local para as reuniões e também o transporte para os educadores e bolsistas.

O projeto foi elaborado após o projeto de alfabetização, que aconteceu durante o ano de 2005 à 2007, com a alfabetização de Jovens e Adultos e em 2008, iniciou-se o projeto de Educação de Jovens e adultos, correspondente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em continuidade ao projeto de Alfabetização

Esse projeto conta com a seguinte equipe:

Com a coordenadora pedagógica do Núcleo de Estudos e Programas em Educação Popular (NEPEP), professora do curso de Pedagogia responsável pelas disciplinas de Alfabetização, Educação de Jovens e Adultos, Didática e Processos Metodológicos para o Ensino de Matemática, Ciências, História e Geografia.

Conta com o apoio do coordenador geral do NEPEP. Os professores juntos organizam os cursos de formação e são responsáveis pelas reuniões com os bolsistas e coordenadores locais, para o acompanhamento pedagógico nas salas de aulas e são responsáveis também pela elaboração de relatórios para o INCRA.

Alunos dos cursos de Pedagogia, Letras, Química, História, Matemática e Psicologia atuam como bolsistas e voluntários no projeto, no acompanhamento das

salas de aulas, participação ativa nos cursos de formação e reuniões semanais de avaliação do projeto.

Conta ainda com duas coordenadoras locais, que são dirigentes do movimento social OMAQUESP, que assim como os bolsistas fazem visitas as salas de aula e acompanham o processo dos alunos, vêem os que estão evadidos, infraestrutura da sala, distribui os materiais, avalia o empenho dos educadores, promovem reuniões locais, participam de reuniões mensais com os bolsistas e coordenadores pedagógicos do projeto onde é discutido o andamento e novas propostas, participam ativamente dos cursos de formação.

Os educadores são responsáveis pelos registros dos alunos, participação nos cursos de formação inicial e continuada e também avaliar os alunos com registros das aulas e perceber o desenvolvimento de cada aluno a partir das atividades desenvolvidas em sala de aula, os educadores tem que promover a integração dos alunos com atividades que os motivem.

Todos os envolvidos participam ativamente dos cursos de formação inicial e continuada, no âmbito pedagógico. As discussões eram sempre muito produtivas, pois cada educador nos contava um pouco de sua experiência em cada assentamento que ficava localizado em municípios diferentes.

Nos cursos são discutidos conceitos e concepções de educação, como educação popular, metodologias participativas, entre outros.

Os educadores assumem-se como mediadores, assim planejam as atividades e preparam o conteúdo, tendo como parâmetro a realidade dos alunos, valorizando seus conhecimentos, ao mesmo tempo e que os incentiva a continuar estudando e aprendendo.

Dada a importância que cumpre o educador no programa, há um espaço para que as experiências sejam compartilhadas em um momento no qual cada um traz os desafios vividos na sala de aula, problematizam situações, analisam a participação dos educandos nas atividades pedagógicas, ocorrem uma observação da evasão dos alunos, é como um acompanhamento mais próximo da realidade dos educandos.

Este espaço de compartilhar saberes é fundamental para o aprendizado entre os educadores, contribui na solução efetiva dos problemas e enriquece a atuação de todos os educadores em sala de aula.

Outra característica do programa, que a diferencia da educação convencional, é a valorização do trabalho coletivo, pois os educadores buscam soluções e melhores formas para garantir que a aprendizagem aconteça. Sempre envolvendo a participação ativa dos educandos que sentem ainda mais vontade de estudar e assim há uma readequação da proposta bem como a avaliação contínua do projeto, para que todos reflitam sobre suas ações.

Freire (1996) afirma que “ensinar exige a convicção de que mudar é possível” (1996, p.76), sendo assim o educador deve ter plena convicção de que a mudança é difícil, mas é possível quando se acredita nela e com isso o educador deve se comprometer com o aluno, respeitando o seu saber, proporcionando atividades que partem de sua realidade.

O processo educativo busca valorizar o conhecimento, cultura e saber de cada aluno, relacionando muitas vezes as atividades com a própria vivência do aluno, e com isso o aluno se torna mais reflexivo e se percebe participante do seu meio, procurando fazer com que o aluno se torne mais crítico sobre a realidade em que vive, e possa intervir de forma mais eficiente.

Ainda sobre o processo educativo Vieira (2007/2008) nos afirma:

Ficou claro que, num primeiro momento o aluno buscou aprender simplesmente ler e escrever, mas enquanto este processo foi se consolidando, o aluno foi percebendo a função social da Educação e as perspectivas da leitura e da escrita no meio social, percebendo a necessidade de ampliar seu conhecimento e as possibilidades de uso social de seu aprendizado. (VIEIRA,2007/2008 p.1)

É necessário também que o educador crie um espaço agradável e que favoreça uma aprendizagem coletiva, dando sempre importância para o saber do aluno, tendo como ponto de partida sua oralidade.

Os assentamentos de agricultura familiar que estão envolvidos no projeto são do estado de São Paulo, localizados nos municípios de Sumaré, Jaboticabal, Pradópolis, Bebedouro, Colômbia, Ibitiúva. E também o Quilombo de Caçandoca em Ubatuba.

Neste trabalho tenho a intenção de compartilhar uma experiência vivenciada no PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, referente à uma educadora e sua forma de trabalho com seus alunos. Falar desta experiência é falar do compromisso da educadora não só com os educandos e projeto, mas também de seu compromisso com a educação onde partindo dos desafios que a educadora encontrou durante todo o projeto, não mediu esforços em garantir que o projeto acontecesse no assentamento no qual vive.

O PRONERA é um programa de parcerias, firmadas neste caso, entre OMAQUESP, UNIMEP e INCRA, com o apoio do ITESP - Instituto de Terras do Estado de São Paulo, para a alfabetização de jovens e adultos em salas localizadas nos assentamentos rurais dos municípios de Bebedouro, Colômbia, Guatapar, Ibitiúva, Pradópolis e Sumaré, no interior do estado de São Paulo.

No trabalho como bolsista do PRONERA, assumi o desafio de acompanhar as salas de aulas dos assentamentos onde o programa estava sendo desenvolvido, bem como auxiliar os educadores, participar ativamente dos cursos de formao, participar de reuniões semanais a Universidade, onde estudávamos e também planejvamos e avalivamos cada visita a cada sala de aula.

Diante de tantas experiências enriquecedoras, ir acompanhar as salas de aulas nos assentamentos eram momentosnicos, experiências que jamais viverei novamente, o olhar, a vontade, a esperança, o sorriso de cada educando nas aulas sem dvidas foram um dos momentos mais bonitos que vi e vivi na vida. Dentre tantos momentos e visitas, um dos acompanhamentos se destacava, não são pelos alunos e suas vontades, mas também pela educadora e seu compromisso com cada aluno.

O assentamento era o de Córrego Rico, localizado na região de Jaboticabal.

Nesse assentamento havia uma sala de aula, porém muito longe da casa dos alunos, e como no assentamento não havia transporte para os alunos irem até a sala de aula, acarretava na desistência de muitos deles.

Percebendo isso a educadora com todo seu comprometimento com a educao e sabendo o quanto os alunos queriam ter aula, mas todo o processo de chegar até a sala de aula os impediam, pois o cansaço após um dia de trabalho

pesado na roça e ainda ter que andar muito no período da noite para chegar até a sala de aula, acabava por desmotivar os alunos.

Em sua maioria os alunos já tinham mais de 40 anos e acreditavam que a educação não era mais para eles, pois já não sabiam nada com aquela idade, então não precisariam se esforçar mais.

Porém um brilho no olhar e um sorriso sincero vi por diversas vezes quando eles aprendiam algo, ou nos ensinavam algo dentro da sala de aula, pois eles percebiam que sabiam e muito e isso era muito valorizado pela educadora.

Freire (1987), já nos dizia que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, e era assim que a educadora pensava em suas aulas e em seus alunos. Visto que a medida que o inverno chegava mais alunos desistiam, o que acabou esvaziando de vez sua sala de aula, a mesma com todo seu respeito aos alunos e comprometimento com a educação, passou a ir de casa em casa para dar aulas aos seus alunos, ela reuniu os que moravam mais próximos em uma casa e ali passava duas horas, e depois partia para outra casa onde mais alunos estavam reunidos a espera da sua professora, e assim passava o dia dando aula. Ela saía de sua casa às 13h e retornava às 21h, depois de dar aula para sua última aluna do dia.

A educadora não contava com recurso de transporte, então a mesma saía da sua casa de bicicleta e rodava o assentamento todo, pois as casas eram longe uma das outras e haviam cerca de 10 a 15 alunos, isso quando a educadora ia a pé para as casas, mas ela não media esforços, pois acreditava no potencial dos seus alunos e na importância da educação.

Como Freire (1996), nos diz ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção, e assim a educadora preparava suas aulas, de acordo com o conhecimento de cada aluno, com o conhecimento de cada um, pois Freire (1991), nos diz também que não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.

Desde quando ouvi falar no Pronera, já entendi que assumir o trabalho, já me traria muitos desafios, ao atuar com movimentos sociais, e pessoas que carregam em si o espírito de luta, a garra da conquista e a esperança de transformação, e senti realmente isso, pois foram muitos momentos vivenciados, onde tive a

oportunidade de conhecer experiências sensacionais, relacionada à história de luta e conquista de cada um dos educandos.

E importante ressaltar que a luta era por melhoria e melhores condições de ensino, mas apesar da falta de recursos a educadora não deixou de dar aulas.

Torres (1995), nos mostra que esta realidade existe quando afirma que a EJA tem sido tradicionalmente desprezada pelas políticas educativas, chegando sempre tarde à liberação de recursos. Resultando num sentimento entre os alunos e professores da EJA de abandono. Devido a EJA ser vista sempre de modo muito limitado, como uma educação “tapa-buraco”, ou seja, para remediar as falhas do sistema social e educativo, encarregada de ensinar aqueles adultos que deveriam ter aprendido na escola, quando crianças; por ter sido rotulada como uma educação de pobres e para pobres, como um remédio, uma educação compensatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das muitas visitas que acompanhei durante todo o projeto pude perceber que os educandos se orgulham de estarem hoje acessando um direito que em outro momento da vida não lhes foi possível, ou seja, o da educação. Isso só está acontecendo por intermédio das parcerias promovidas pelo PRONERA, e todo empenho da educadora.

Mesmo com tantas dificuldades vivenciadas no cotidiano, de cada educando e também do educador é nítido que os educandos não se intimidam diante delas, pois sua motivação é tanta e a vontade de alcançar algo que é direito de cada cidadão, seja ele morador da área urbana ou rural. Entendendo que estamos falando de pessoas que foram capazes de conquistar outros direitos importantes, como o acesso à terra e à habitação e que agora ampliam este acesso aos direitos ao participar deste Programa de Educação.

Portanto, com toda essa experiência é visto que o desafio da continuidade, para que os avanços nos projetos de educação de jovens e adultos, inclusive para a Educação no campo, estão atrelados a um histórico de luta, organização e resistência, especialmente no caso desse povo que aprendeu na prática que para sobreviver é necessário muita solidariedade, cooperação e participação, pois para eles a luta anda lado a lado com a igualdade e dignidade, e os desafios que surgem são sinônimos de esperança, e de um mundo melhor e mais igualitário.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991
_____. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra. Petrópolis RJ, 1997;
_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17ª ed., 1987
Manual de Operações – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Brasília, abril de 2004.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. **Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA: Manual de Operações**. Brasília, INCRA, 2011.
- TORRES, R. M. Cinco Reflexões sobre Educação. **Revista Alfabetização e Cidadania**. Vol. 2, nº 1. São Paulo: RAAB - Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil, 1995.
- VIEIRA, M. A. L. **Projeto de Educação de Jovens e Adultos nos Assentamentos da Agricultura Familiar**. Piracicaba. UNIMEP, NEPEP, 2007-2008 (mimeo).
- FREITAS, H.C. A. **A Formação da Rede de Educação de Assentados da Reforma Agrária: o PRONERA**. Florianópolis. UFSC, 2004.